

3

Comentário ao texto de Sf 3,14-17

3.1.

Hino de exultação com justa motivação: Jerusalém – YHWH: v. 14-15b

*Exulta de alegria, filha de Sião;
grita de alegria, Israel;
regozija
e celebra de todo coração, filha de Jerusalém.
Revogou Yhwh tuas sentenças,
expulsou teu inimigo.*

Esta seção contém uma exortação à alegria dirigido a destinatários específicos, mostrando um júbilo evidente, como o que se encontra em muitos textos proféticos,¹ seguido das razões que justificam tal alegria.

a) o convite à alegria

Quatro imperativos caracterizam esta exortação ao regozijo: רָנִי (*exulta de alegria*) – הִרְיֵעוּ (*grita de alegria*) – שִׂמְחֵי (*regozija*) – עֲלֵי (*celebra*). Todos eles são termos muito semelhantes, que exprimem a alegria. Ao traduzir, não se faz uma notória diferenciação entre eles, embora exista algo sutil.

Uma destas diferenças está na manifestação da alegria própria destes verbos, em três deles (רָנִי – הִרְיֵעוּ – עֲלֵי) ela aparece numa forma exteriorizada do estado de ânimo de quem a está experimentando (cf. Is 24,14; Esd 3,11; Jr 11,15), ao passo que em שִׂמְחֵי há uma interiorização do mesmo sentimento (cf. 2Cr 7,10; Is 39,2).² Esta emoção invisível pode ser deduzida através das demonstrações visíveis expressadas pelos outros três verbos.³

Na totalidade da BH não se encontra em qualquer outra passagem a ocorrência destes quatro verbos juntos. Isoladamente, porém, é possível encontrar a utilização de todos os quatro verbos somente nos escritos proféticos de Isaías e

¹ Cf. Is 12,6; 52,9-10; 54,1; 66,10-14; Jl 2,23; Zc 2,14; 9,9-10.

² Cf. detalhado anteriormente no ponto 2.1, p. 16-28.

³ Cf. SPREAFICO, A., *Sofonia*, p. 183.

Jeremias (cf. רָנַן: Is 12,6; Jr 31,7 – רָוַע: Is, 42,13; Jr 50,15 – שָׂמַח: Is 25,9; Jr 41,13 – עָלִיז: Is 23,12; Jr 11,15).

Os verbos שָׂמַח e עָלִיז, que estão no *qal* imperativo f.sg. dirigidos à “filha de Jerusalém”, aparecem juntos apenas em duas outras citações em toda a BH (cf. 2Sm 1,20; Jr 50,11). Porém, elas são dirigidas aos filisteus e aos babilônios. Em 2Sm 1,20 Davi quer impedir a alegria dos filisteus pela morte de Saul; enquanto em Jr 50,11 o profeta fala que, embora os babilônios se alegrem pela devastação que no passado haviam causado a Israel, eles terão a mesma sorte.⁴ Podendo-se perceber que não se relacionam com o contexto da passagem de Sf 3,14, que é eminentemente de alegria para Jerusalém porque estes inimigos foram afastados, o que ajuda a enfatizar a grandiosidade do momento, que deve ser celebrado לְבַבְכֶּלָּבָּ (de todo coração).

Como o coração abarca todas as dimensões da existência humana, é possível referir-se ao homem em sua totalidade (cf. Gn 24,45; Ez 21,12). No AT, o termo não visa somente à dimensão individual, mas principalmente leva em conta um grupo inteiro de indivíduos, referindo-se ao לֵב de todos, como se fossem e formassem um só coração (cf. Gn 42,28; Ex 35,29).⁵

E desta forma, o povo como um todo, unido num só coração, está sendo exortado através da multiplicação das palavras sinônimas, que indicam júbilo. Isto porque o profeta quer mostrar a exuberância do apelo. Os quatro verbos, colocados um após o outro, mostram cada um por si e num convite crescente que a alegria deve ser vivida intensamente.⁶

Esta alegria aparece quando o povo experimenta um júbilo tão intenso em seu coração, que não consegue conter toda a emoção. Por isso, transborda de seu peito todo esse sentimento, manifestado através de gritos triunfantes e fortalecido

⁴ Cf. SWEENEY, M. A., *Zephaniah*, p. 197-198.

⁵ O “coração” além de designar o órgão corporal (cf. 1Sm 25,37; Sl 37,15), abarca várias funções do homem: a) centro vegetativo (cf. Gn 18,5; Jó 31,9); b) centro emotivo (cf. Is 57,15; Jz 16,25); c) centro noético racional (cf. Pr 22,17; Jr 3,16); d) centro volitivo (cf. Sl 39,4; 1Rs 8,17); e) esfera religiosa (cf. Ez 11,19; 1Sm 24,6): cf. FABRY, H.-J., “לֵב”, *GLAT*, vol. 4, p. 636-682; STOLTZ, F., “לֵב”, *DTMAT*, vol. 1, p. 1176-1185; VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE Jr., W., “לֵב”, *DicV*, p. 82-84; WOLFF, H. W., *Anthropology of the Old Testament*, p. 40-58; EISSFELDT, O., “El corazón”, *The Old Testament*, p. 148-151.

⁶ Cf. MACKAY, J. L., *Zephaniah*, p. 292; ESZENYEI SZÉLES, M., *Zephaniah*, p. 111. Além disso, J. Ihromi explica que pela frequência com que estes verbos que falam do júbilo e da alegria ocorrem no AT e aqui são colocados juntos, mostra que o orador da profecia de Sofonias, que os colocou neste hino, é, ele próprio, um grande anunciador da alegria (cf. *Die Häufung der Verben des Jubelns in Zephania III 14f., 16-18*, p. 110).

de expressões ruidosas de cânticos, risos, palmas, batidas com os pés, danças e ruídos produzidos por instrumentos (cf. Sl 98; 100). Não deve haver nenhuma restrição ou constrangimento para esta manifestação. Tal alegria já é sinal e dádiva da nova bênção para Sião.⁷

O profeta, valendo-se destes quatro imperativos para levar o povo a este estado de ânimo, que é de uma total e intensa alegria, o faz através de sentenças que apresentam um paralelismo sinonímico e as endereça a três destinatários particulares.

b) *os destinatários do convite*

b.1) בֵּית-צִיּוֹן

O substantivo צִיּוֹן (*Sião*) em muitas passagens refere-se aos arredores do templo (cf. Is 35,10; Jr 31,6), em outras citações está relacionado com Jerusalém (cf. Is 10,24; Jr 30,17) e até mesmo com o povo de Israel (cf. Sl 97,8; Is 1,27). Porque em Sião, inicialmente, estava instalada a capital do reino unido e depois do cisma (931 a.C.) ficou apenas a capital do reino do sul. Entretanto, raramente Sião é citada como a capital de Judá (cf. Is 40,9).

A maioria das citações de Sião no AT está nos escritos poéticos e proféticos. O salmista declara a ajuda que provém de Sião (cf. Sl 14,7; 20,3), assim como das bênçãos (cf. Sl 128,5; 134,3) e que “de Sião, beleza perfeita, YHWH resplandece” (cf. Sl 50,2). Profetas tais como Isaías, Jeremias, Joel, Sofonias e Zacarias (cf. Is 24,23; Jr 31,6.12; Jl 3,5; Sf 3,15.17; Zc 9,9) falam de Sião como o centro no qual YHWH agirá promovendo a salvação de Israel.⁸ À qual o profeta envia sua segunda chamada.

b.2) יִשְׂרָאֵל

O substantivo יִשְׂרָאֵל (*Israel*), ao longo da história do povo eleito, foi tomando uma variedade de significações:

- o nome recebido pelo patriarca Jacó, faz com que seus filhos sejam conhecidos como os “filhos de Israel” (cf. Gn 32,32);
- o reino do norte era chamado de reino de Israel (cf. 1Rs 12,20);

⁷ Cf. IRSIGLIER, H., *Zefanja*, p. 414; EMMERSON, G., *Zephaniah*, p. 66. Em contrapartida, G. Rinaldi fala que este entusiasmo se apresenta como um idílio na fantasia imaginativa do profeta a respeito de uma comunidade ideal (cf. *Sofonia*, p. 1249).

⁸ Cf. HARTLEY, J. B., “צִיּוֹן”, *DITAT*, p. 1282-1283; RENDTORFF, R. *The Canonical Hebrew Bible*, p. 577-578.

- após a queda e deportação do reino do norte pela Assíria (722 a.C.), o reino do sul ou de Judá passou a receber a designação de “Israel” (cf. 2Rs 21,8; Jr 2,14.31);
- encontra-se também a personificação do termo, representando o povo eleito que saiu do Egito (cf. Ex 5,1);
- como uma entidade ideal, o resto dos deportados, na comunidade exílica e pós-exílica (cf. Is 44,21; 49,3).⁹

Por estas várias significações, pode-se perceber que o termo יִשְׂרָאֵל foi fechando seu campo de abrangência, ou seja, caminhou do geral para o particular. De todo o povo eleito proveniente dos filhos de Jacó–Israel chega-se a este resto que retorna do exílio. Estes remanescentes devem ser entendidos como todo o povo que permaneceu fiel à promessa de ter YHWH habitando no seu meio, inclusive os que emigraram do reino do norte antes da queda de Samaria,¹⁰ e agora habitam em Jerusalém. A estes são enviados os dois últimos convites.

b.3) בַּת יְרוּשָׁלַם

O substantivo יְרוּשָׁלַם (*Jerusalém*) indicava antes de tudo a sede do templo, que abrigava a arca da aliança e somente em segundo lugar é que era considerada a cidade de Davi. Os profetas pré-exílicos já não fazem a ligação de Jerusalém como a residência do rei, mas como a cidade de Deus. Não é somente da arca que provém a santidade de Jerusalém, mas também a sua unicidade e exclusividade. Em Jeremias, Jerusalém passa a ser o trono de YHWH, o único lugar para o seu culto.¹¹ Porque o templo edificado na cidade de Jerusalém, escolhida por YHWH para nela habitar (cf. Dt 12,13-14.18.21), tornava concreta a sua presença e a partir dela abençoar todo o seu povo. O Templo tornou-se o centro de unidade das doze tribos como povo da aliança do único Deus, YHWH (cf. 1Rs 8,14-21).¹²

⁹ Cf. ZOBEL, H.-J., “יִשְׂרָאֵל”, *GLAT*, vol. 4, p. 45-50; BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C., “יִשְׂרָאֵל”, *BDB*, p. 975; PAYNE, J. B., “יִשְׂרָאֵל”, *DIDAT*, p. 1490-1491.

¹⁰ Cf. ROBERTS, J. J. M., *Zephaniah*, p. 222; WALKER, L. L., *Zephaniah*, p. 1506. Para G. Bernini, o profeta com as expressões “filha de Sião” e “filha de Jerusalém” estava se referindo, em sentido coletivo, aos habitantes da cidade, que é a capital de todo o reino (cf. Is 54,1; Zc 9,9). Entretanto, ao convocar “Israel”, ele estava se referindo a todos os descendentes de Jacó–Israel (cf. Jr 17,13; 50,17-19; Ez 4,3.13; 6,2-3), ou seja, a todo povo eleito (cf. *Sofonia*, p. 81). D. L. Petersen explicita que este grupo dentro de Israel pode pertencer a uma seita formada por perfeccionistas, mas o mais provável é que sejam pessoas que ouviram e perseveraram nas palavras dos profetas mais antigos e mantiveram a esperança do restabelecimento radical da realeza de YHWH (cf. *Zephaniah*, p. 205).

¹¹ Cf. TSEVAT, M., “יְרוּשָׁלַם”, *GLAT*, vol. 3, p. 1087-1096; PAYNE, J. B., “יְרוּשָׁלַם”, *DIDAT*, p. 665-666.

¹² Cf. FERNANDES, L. A., *O Sl 122*, p. 57-89.

Para todo o povo de Israel, que residia fora de Jerusalém, chegar à Cidade Santa era, sem dúvida, motivo para festejar alegremente (cf. Sl 122). Ele esquece os numerosos obstáculos e perigos que enfrentou durante o longo caminho, pois os seus olhos avistam e contemplam o monte santo de Deus: Sião.

b.4) Considerações

Dois destes destinatários vêm precedidos do termo בַּת (*filha*), cujo sentido principal é o da menina da casa, com referência a uma descendente do sexo feminino (cf. Gn 24,15; Ex 20,10).¹³ Quando este termo é usado no plural בָּנוֹת (*filhas*), designa freqüentemente as mulheres pertencentes a uma cidade, terra ou povo (cf. Is 3,16.17; Ct 1,5; Ez 16,27). Todavia, no singular esta palavra, ligada a um nome de cidade, terra, capital ou povo, torna-se uma personificação poética para designar a cidade e/ou seus habitantes (cf. Is 1,8; Sf 3,14).¹⁴ Quando aparece no plural após o nome de uma cidade, refere-se às vilas e aldeias que pertencem a uma cidade-mãe, isto é, a uma cidade maior (cf. Js 15,45; Ne 11,25).¹⁵

No AT encontram-se várias citações em que o termo “בַּת” no f.sg. vem acrescido do nome de uma cidade, povo ou país (cf. Sl 45,13; Is 23,10; Os 1,3). Esta aplicação, em alguns casos, é interpretada como a capital do país, porque está relacionada com o rei (cf. Jr 50,42; 51,33). Em Sf 3,14-15 não há esta indicação em todo o livro, porque não há qualquer alusão a um rei. Por isso, esta possibilidade deve ser descartada.¹⁶ A sua referência está ligada ao povo em si mesmo.

As expressões “filha de Sião” e “filha de Jerusalém”¹⁷ ocorrem somente em textos proféticos ou poéticos. “Filha de Jerusalém” aparece 7 vezes,¹⁸ enquanto

¹³ Cf. MARTENS, E. A., “בַּת”, *DITAT*, p. 192.

¹⁴ Cf. Para maiores esclarecimentos veja: GK, § 122s.

¹⁵ Cf. HAAG, H., “בַּת”, *GLAT*, vol. 1, p. 1765-1778; BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C., “בַּת”, *BDB*, p. 123; ALONSO SCHÖKEL, L., “בַּת”, *DBHP*, p. 122-123. Além disso, J. M. P. Smith explicita que isto se deve ao fato de que Jerusalém, desde o tempo de Davi, foi ocupando o lugar central do Reino, tornando-se a capital e o ponto de referência para os israelitas. Principalmente quando o seu território começou a diminuir cada vez mais (cf. *Zephaniah*, p. 255-256).

¹⁶ SPREAFICO, A., *Sofonia*, p. 191-192. H. Thurman acrescenta que o termo “filha” junto a um nome, a princípio significava uma aldeia que estava sob a proteção de uma cidade cercada (cf. Jz 1,27), com o tempo passou a representar a comunidade de Israel como um todo (cf. *Zephaniah*, p. 1032-1033).

¹⁷ M. A. Sweeney explica que a utilização das expressões “filha de Sião” e “filha de Jerusalém” se deve a um antigo costume mediterrâneo de nomear as cidades como uma mulher ou uma noiva de uma divindade (cf. *Zephaniah*, p. 198).

¹⁸ Cf. 2Rs 19,21; Is 37,22; Lm 2,13.15; Mq 4,8; Sf 3,14; Zc 9,9.

“filha de Sião” é usada 26 vezes.¹⁹ Além disso, em todo o AT uma exortação à alegria no imperativo dirigida à בַּת־צִיּוֹן, como a que se encontra em Sf 3,14, somente aparece em Zc 2,14; 9,9 e no uso concomitante com בַּת יְרוּשָׁלַיִם é vista apenas em Zc 9,9.²⁰

Sintaticamente a expressão pode ser um genitivo epexeagético,²¹ que leva a uma personificação da cidade ou do país, isto é, “a filha que é Sião” ou “a filha que é Jerusalém”. Deste modo, Sião é a filha personificada de YHWH, como também Jerusalém (cf. 2Rs 19,21; Is 37,22; Zc 9,9).²²

Neste ponto, a questão é saber se o ouvinte-leitor está diante de uma cidade personificada (cf. Is 10,32; 16,1; 52,2; Jr 6,2.23; Lm 2,15) ou de uma população representada por uma única figura feminina (cf. Is 12,6; Mq 1,13). Esta diferença é muito sutil, uma vez que a cidade e seus habitantes são vistos numa relação muito estreita.²³

Outros questionamentos surgem: os três vocativos representariam um único sujeito? Ou as exortações teriam distintos direcionamentos? “Filha de Sião” seria o mesmo que “filha de Jerusalém”? Quem seria “Israel”? Um povo ou uma nação ou apenas um grupo seletivo do povo eleito?

Alguns estudiosos²⁴ são do parecer de que “filha de Sião” e “Israel” são denominações que representam a comunidade formada por todos aqueles que são fiéis a YHWH, e que por várias vezes são mencionados no AT. Enquanto a menção à “filha de Jerusalém” evoca um pequeno grupo de fiéis israelitas que habita em Jerusalém.

Outros comentadores,²⁵ chegando a um denominador comum, apontam para a equivalência entre as expressões “filha de Sião” e “filha de Jerusalém”. Para eles, o profeta teria usado estes títulos no f. sg. para fazer referência ao povo eleito que

¹⁹ Cf. 2Rs 19,21; Sl 9,15; Is 1,8; 10,32; 16,1; 37,22; 52,2; 62,11; Jr 4,31; 6,2.23; Lm 1,6; 2,1.4.8.10.13.18; 4,22; Mq 1,3; 4,8.10.13; Sf 3,14; Zc 2,14; 9,9.

²⁰ Cf. BEN ZVI, E., *A Historical-Critical Study of the Book of Zephaniah*, p. 239.

²¹ Para pormenores sobre “genitivo epexeagético” veja-se GK, § 128k. H. Irsiglier explica que a ligação do termo בַּת no construto com o substantivo próprio não deve ser entendido como relação de pertença no sentido de “filha de”, mas deve ser visto como uma relação de esclarecimento de quem é a pessoa chamada filha, isto é, a “filha Sião” (cf. *Zefanja*, p. 412).

²² MOTYER, J. A., *Zephaniah*, p. 956.

²³ Cf. VLAARDINGERBROEK, J., *Zephaniah*, p. 208; ROBERTS, J. J. M., *Zephaniah*, p. 222.

²⁴ CLARK, D. J.; HATTON, H. A., *Zephaniah*, p. 197-198.

²⁵ Cf. BAKER, D. W., *Zephaniah*, p. 117; BERLIN, A., *Zephaniah*, p. 136-137; THURMAN, H., *Zephaniah*, p. 1032-1033. Além disso, R. Rendtorff acrescenta que Sião e Jerusalém nos Salmos (cf. Sl 51,20; 102,22; 128,5; 135,21; 147,12) aparecem como *parallelism membrorum* (cf. *The Canonical Hebrew Bible*, p. 577).

recebe agora e continuará recebendo as bênçãos divinas. Sofonias não estaria falando de uma parte de Jerusalém, de um quarteirão (cf. Sf 1,11), mas dirigindo-se à cidade, vista nos seus habitantes (cf. 2Rs 19,21; Is 37,22 são paralelos).²⁶

A inclusão do vocativo “Israel”, que a princípio tem uma conotação étnica (cf. Ex 4,22), no meio das duas expressões “filha (que é) Sião” e “filha (que é) Jerusalém” é muito sugestivo. Os três títulos denotam uma entidade político-geográfica (cf. 2Sm 15,8; 2Rs 5,4; Is 15,32) e, ao mesmo tempo, carregam um conceito religioso-ideológico (cf. Sl 122).²⁷

Sião–Israel–Jerusalém evocam memórias do passado e da herança da eleição do povo. Estes três termos têm uma gama de significados, que o profeta parece ter em mente ao citá-los juntos. Porque cada um dos nomes poderia trazer à lembrança, daqueles que estão sendo exortados, vários períodos da vida do povo em que foi presenciada a ação de YHWH em sua história.²⁸

Embora os três vocativos estejam se referindo ao povo, não é possível esquecer que “Sião” é o lugar santo da habitação de YHWH²⁹ e “Jerusalém” é a cidade das promessas messiânicas (cf. Is 28,16). “Israel” foi incluído junto e entre estes dois baluartes porque a esperança futura da nação sempre pensava no povo todo, como na época em que o reino estava unificado.³⁰

Todos aqueles remanescentes do povo, após a catástrofe do exílio, que se mantiveram fiéis no temor ao Senhor e esperançosos na promessa de YHWH durante sua provação, são chamados a integrar esta comunidade renovada e a tomar parte deste momento de tão grande alegria, deixando extravasar plenamente

²⁶ A. Spreafico explica que embora em Sf 1,11 haja uma menção aos habitantes de Mactés, o qual era um quarteirão ocupado pela população vinda do reino do Norte quando da destruição da Samaria (722 a.C.), a suposição de que בְּרֵצִיִן se refira a estes habitantes é difícil de se sustentar (cf. *Zephaniah*, p. 192-193).

²⁷ Cf. BERLIN, A., *Zephaniah*, p. 136-137; BAKER, D. W., *Zephaniah*, p. 117.

²⁸ Cf. MACKAY, J. L., *Zephaniah*, p. 292; MOTYER, J. A., *Zephaniah*, p. 956; BAKER, D. W., *Zephaniah*, p. 117-118.

²⁹ H. Irsiglier lembra que nos espaços semíticos-ocidentais e helenísticos-gregos, os fundamentos histórico-religiosos do nome da cidade como “filha” são pesquisados normalmente tendo em vista a deusa da cidade. Porém, a metáfora “filha de Sião” como figura de mulher, a muito tempo desvaneceu a base mítica, despertando no povo a lembrança dos atos salvíficos de YHWH e a fé de ser Sião o lugar escolhido por Deus para habitar no seu meio (cf. *Zefanja*, p. 413).

³⁰ L. ALONSO SCHÖKEL; J. L. SICRE DIAZ dizem que a voz de Sofonias dirigida à cidade de Jerusalém designa, claramente, o povo que traz o nome da eleição, Israel (cf. *Sofonias*, p. 1161). Enquanto M. A. Sweeney diz que o uso do imperativo no masculino ligado a “Israel” ao lado dos outros imperativos femininos ligados à “filha de Sião” e à “filha de Jerusalém”, faz sentido; pelo fato de que era esperada, com a reforma de Josias, a reconstrução da cidade de Jerusalém para que viesse a se tornar o centro santo de todo Israel e do mundo (cf. *Zephaniah*, p. 199).

todo o regozijo que sente em seu íntimo. Para isso, a eles são apresentadas as duas razões que justificam tal convite.

c) *as razões para o convite*

c.1) הַסִּיר יְהוָה מִשְׁפָּטַיִךְ

Neste primeiro motivo da alegria (*revogou YHWH tuas sentenças*), o verbo סִיר tem o sentido de uma decisão legal de “remover” pela arbitração. A expressão מִשְׁפָּטַיִךְ aparece em Jó 27,2; 34,5 significando a “remoção do direito”. Numa transposição do sentido para Sf 3,15 entende-se como a remoção daquilo que por direito pertenceria a Jerusalém, que vem a ser “as sentenças”. Este fato já se encontra atestado em Ez 5,8, pois “eis o que diz o Senhor YHWH: também eu me ponho contra ti, executarei os meus julgamentos no meio de ti, aos olhos das nações”.³¹

Além disso, מִשְׁפָּטַיִךְ estando no plural, significa que não só uma, mas toda possível sentença dirigida contra o povo (cf. Ez 5,8), qualquer que fosse sua origem, estava agora revogada. O sujeito de todas as bênçãos é somente YHWH. Foi ele que revogou as sentenças que pesavam sobre o povo, porque só ele tem poder para isso (cf. Is 45,21).

A este primeiro motivo para a exultação de alegria, vem unir-se um segundo. Estas duas fortes razões estão tão intimamente ligadas, que se complementam e se explicam.

c.2) פָּנָה אִיבֶיךָ

A outra ação de YHWH (*expulsou teu inimigo*) em favor do povo vem expressa com o verbo פָּנָה no *piel*, mostrando que o propósito de YHWH não é apenas o de expulsar o inimigo, mas de preparar um lugar seguro para o povo viver debaixo de suas bênçãos (cf. Gn 24,31; 2Sm 7,10).

O verbo/substantivo אִיב, no texto, apresenta-se no particípio m.sg. אִיבֶיךָ (*aquele que é inimigo*). Sendo tomado no coletivo,³² representa todo inimigo (definido ou indefinido), seja no campo militar (cf. Js 7,8), político (cf. Dt 28,68), social (cf. Sl 55,13-14) ou religioso (cf. Nm 10,35). Há inúmeras passagens que

³¹ Cf. BERNINI, G., *Sofonia*, p. 81; BEN ZVI, E., *A Historical-Critical Study of the Book of Zephaniah*, p. 242.

³² Sobre o uso da forma plural veja GK, § 124a; Joüon-Mur., § 136f.

falam da intervenção de YHWH como guerreiro contra os inimigos do povo (cf. Ex 23,22).³³

Muitas vezes no AT encontra-se YHWH utilizando “os inimigos”, ou seja, “as nações estrangeiras”, como seu instrumento para mostrar a sua força salvadora através da derrota dos opressores (cf. Is 42,13; 59,18; 62,8) ou para punir os pecados de alguns do povo (cf. Dt 32,41; Ez 7,27; Os 5,1), porque se colocaram contra os estatutos de YHWH, os quais o povo havia se comprometido a cumprir (cf. Ex 21,1; 24,3; Dt 7,12).³⁴

Esses “inimigos”, quando se trata de ajuste de contas, representam duas possibilidades de abordagem:

- os inimigos externos representados pelas nações estrangeiras, que servem de instrumento para YHWH aplicar seu castigo;
- os inimigos internos representados por aqueles que, no meio do povo, oprimem seus próprios irmãos, desencadeando a punição advinda da justiça de YHWH.

As ações dos inimigos, tanto dos externos como dos internos, estão ligadas entre si.³⁵

c.3) Considerações

A mensagem de Sofonias pode indicar um outro caminho além dos especificados, isto é, com as sentenças sendo revogadas, concomitantemente os inimigos são afastados. A linha de pensamento, então, pode ser a de “realce contínuo”, ou seja, o profeta pode ter querido dar a entender que não só o julgamento terminou, mas que não haverá nada que leve a um outro julgamento futuro.³⁶

As formas verbais **הִסִּיר** e **פָּנָה** no *qatal* constatam que o fundamento e motivo do regozijo se devem ao fato de que YHWH agiu como libertador. Os inimigos, que anteriormente como instrumento de seu castigo oprimiam o povo, agora são afastados por YHWH, como quem aplaina um caminho e se livra de obstáculos (cf. Is 40,3; 57,14; 62,10; Ml 3,1). YHWH cria novamente para Israel

³³ Cf JENNI, E., “אֵיבִי”, *DTMAT*, vol. 1, p. 194-200.

³⁴ Cf. SWEENEY, M. A., *Zephaniah*, p. 198.

³⁵ A. Berlin chama a atenção ao fato de que não se deve tentar identificar aqui um inimigo particular, como a Assíria, Baal ou qualquer outro inimigo de Deus (cf. *Zephaniah*, p. 143).

³⁶ Cf. BEN ZVI, E., *A Historical-Critical Study of the Book of Zephaniah*, p. 243. H. Irsiglier diz que às vezes os versos de 3,15ab apontam para um fato válido de uma vez por todas, isto é, YHWH suspendeu as “sentenças”, que está expressa de uma maneira geral no objeto plural (cf. *Zefanja*, p. 414).

um espaço vital, gerando novas possibilidades de vida à semelhança da saída do Egito (cf. Sl 80,9).³⁷ Este אִי־בֹ, tomado em sentido coletivo, é inimigo do povo e não de YHWH (cf. Is 1,24; 66,6.14).³⁸

Uma vez que YHWH mostrava ter revogado as iniquidades do povo e retirado todas as sentenças que pesavam sobre ele, não havia motivo para utilizar as nações como instrumento para punir seu povo.³⁹ Com a finalidade de mostrar esta ligação entre “sentenças” e “inimigos” o profeta utiliza o recurso do paralelismo, onde a revogação das sentenças que pesavam sobre Jerusalém–Israel coincide com a expulsão do inimigo (v. 15ab).⁴⁰

Os dois versos (15ab) falam da anulação dos julgamentos e do afastamento dos inimigos, não dando pistas de sua identificação. Contudo, indicam a imutabilidade do amor de YHWH por seu povo, que apesar de apontar para a necessidade de castigá-lo por seus pecados, não pode deixá-lo longe de seu misericordioso perdão e de sua completa redenção.⁴¹

O afastamento dos inimigos, também mostra a fidelidade de YHWH às suas promessas. Para Abraão prometeu bênçãos numerosas e que sua “posteridade conquistará a porta (isto é, as cidades) dos inimigos” (Gn 22,17). Uma das bênçãos prometidas no Deuteronômio é a de que “YHWH te entregará, já vencidos em tua frente, os inimigos que se levantarem contra ti; sairão contra ti por um caminho, e por sete caminhos fugirão de ti” (Dt 28,7).

Em síntese, esta dupla motivação, remoção das sentenças (v. 15a) e afastamento dos inimigos (v. 15b), tão fortemente imbricadas, uma vez que uma justifica a outra, torna-se o agente gerador da grande exortação de júbilo que é dispensada ao povo (v. 14). Todavia, torna-se necessário mostrar as conseqüências positivas advindas deste fato antecipador de um futuro promissor, já começado a ser vivido, mas não ainda plenamente.

³⁷ Cf. WEIGL, M., *Zefanja*, p. 223.

³⁸ Cf. THURMAN, H., *Zephaniah*, p. 1033;

³⁹ Cf. KAISER Jr., W. C., *Zephaniah*, p. 238; ESZENYEI SZÉLES, M., *Zephaniah*, p. 112.

⁴⁰ G. del Olmo Lete explica que o paralelismo existente entre אִי־בֹ (v. 15a) e אִי־בֹ (v. 15b) trata-se de um recurso lingüístico do tipo sínédoque, enquanto o inimigo é o executor das sentenças que pesam sobre Israel, isto é, o exílio (cf. *El libro de Sofonías y la filología semítica nor-occidental*, p. 302). Mas, E. Ben Zvi diz que este paralelismo não indica necessariamente que אִי־בֹ estaria se referindo a pessoas (cf. *A Historical-Critical Study of the Book of Zephaniah*, p. 243).

⁴¹ Cf. ROBERTSON, O. P., *Zephaniah*, p. 336.

3.2.

Discurso: ações de Jerusalém – o “não” é motivo de esperança: v. 15c-16

*O rei de Israel, Yhwh, está no teu meio,
não temerás mais o mal.
Naquele dia, será dito a Jerusalém:
não temerás, Sião;
não desfalecerão tuas mãos.*

No oráculo, o profeta, ao não falar quem são esses inimigos, deixa subentendido que todos e tudo o que se colocava contra o povo foi afastado definitivamente, tornando aparente alguns atributos de YHWH. Sofonias também aponta as ações esperadas de Israel, que não deverá mais temer nenhum tipo de doença ou ameaça interna, como também qualquer tipo de invasão externa será impossível, pois agora é afirmada a presença de YHWH.

a) os atributos de YHWH que fundamentam as razões

מֶלֶךְ יִשְׂרָאֵל יְהוָה בְּקִרְבֶּךָ (*o rei de Israel, YHWH, está no teu meio*) é uma frase nominal que apresenta dois atributos de YHWH, o de rei e o da sua presença no meio do povo.⁴²

a.1) מֶלֶךְ יִשְׂרָאֵל

O título de מֶלֶךְ aplicado a uma divindade era comum entre os povos antigos no mundo semítico.⁴³ A idéia de יְהוָה מֶלֶךְ não aparece nos textos referentes aos tempos patriarcais. Somente após a instauração da monarquia como regime político do povo eleito é que o título de rei, aplicado aos reis de Judá–Israel (cf. 2Sm 5,4-5; 1Rs 12,23; 2Cr 18,31), aparece relacionado a YHWH (cf. Ex 15,18; Nm 23,11; Dt 33,5), numa representação simbólica (cf. Jz 8,23; 1Sm 8,7), indicando um regime teocrático.

Embora tensões cercassem o estabelecimento de um rei terreno para reinar em lugar de YHWH, a condução da arca por Davi para Jerusalém simbolizava a fusão da realeza de YHWH com o trono de Davi (cf. 2Sm 6–7; Sl 132).

⁴² H. Irsiglier explica que primariamente o texto do v. 15c era uma exortação da proclamação de יְהוָה מֶלֶךְ (*YHWH reina*, cf. Sl 96,10), mas que o texto hebraico do TM que foi transmitido pela tradição substituiu o grito de proclamação por uma frase nominal com a confissão da eterna presença salvífica de YHWH como rei de Israel (cf. Is 41,21; 43,15; 44,6) “no meio de” (cf. Sl 46,6; Jr 14,9; Zc 2,14) Jerusalém (cf. *Zefanja*, p. 415).

⁴³ Cf. SOGGIN, J. A., “מֶלֶךְ”, *DTMAT*, vol. 1, p. 1237-1252.

Todavia, a idéia da realeza de YHWH, como rei de Israel no meio de seu povo, é comum no AT. Na caminhada pelo deserto, o povo eleito já afirmava em seus louvores: “YHWH reinará para sempre e eternamente” (Ex 15,18). Gideão não aceita ser coroado rei pelo povo, dizendo: “porque é YHWH quem reinará sobre vós” (Jz 8,23).⁴⁴

O reinado de YHWH se estende sobre todos os seres da terra e do céu (cf. Sl 24,7-10; 95,3-6; Jr 10,7). Porém, Ele escolheu um povo para seu domínio particular e fez dele “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6). Sua regência se destaca dos outros reinados, porque ele não está ligado a um governo político, mas com a moral. A queda da dinastia davídica e conseqüente deportação para a Babilônia serviram para fazer com que os guias religiosos do povo voltassem seu olhar para YHWH e o governo teocrático original, do qual nunca deveriam ter se afastado (cf. Ex 10,21).⁴⁵

A expressão *בְּקִרְבּוֹ*, em todas as citações (41 vezes), ocorre em textos poéticos com uma única exceção em prosa (cf. 1Sm 12,12). O seu uso é progressivo, havendo uma pequena ocorrência nos textos que se referem à época pré-monárquica (cf. Nm 23,21; Dt 33,5; Sl 24), que vai aumentando naqueles que aludem ao período monárquico (cf. Is 6,5; Jr 8,19) até chegar à sua maior ocorrência nos do tempo pós-exílico (cf. Zc 14,9.16.17; Ml 1,14). O que leva a pensar que o seu emprego é relativamente tardio.

a.2) *בְּקִרְבּוֹ*

A expressão *בְּקִרְבּוֹ* (*em meio de*) formada pelo substantivo *קִרְבּוֹ* (*meio*), quando prefixado pela partícula *בְּ*, passa a significar o lugar dentro do qual está a ação. Esta expressão é utilizada em paralelo com *לְב* (cf. Jr 9,7; Is 26,9),⁴⁶ mostrando estar no meio não só de uma comunidade, mas também no coração de cada membro desta (cf. Jr 31,31-34).

“Ele está no meio de Sião–Jerusalém” é uma fórmula de origem litúrgica (cf. Sl 46,6; Is 12,6; Mq 3,7), pois com uma proclamação similar se celebrava e se reconhecia a realeza de YHWH. Esta declaração, sendo repetida aqui, afiança a

⁴⁴ Cf. BARKER, K. L.; BAILEY, W., *Zephaniah*, p. 494-495; ROBERTSON, O. P., *Zephaniah*, p. 337.

⁴⁵ Cf. DEVILLE, R.; GRELOT, P., “reino”, *VTB*, p. 871-877.

⁴⁶ Cf. COPPES, L. J., “קִרְבּוֹ”, *DITAT*, p. 1370 ; ALONSO SCHÖKEL, L., “קִרְבּוֹ”, *DBHP*, p. 591.

Sião uma segurança absoluta.⁴⁷ O profeta, no contexto em que se encontrava, apresenta YHWH como a única possibilidade para justificar o que vem acontecendo e como solução definitiva para a situação que o povo está vivendo.⁴⁸

Embora em algumas passagens se encontre a menção da ausência ou impotência de YHWH (cf. Jr 5,12; Sl 10,4; 14,1), ele é o soberano da promessa divina e como resultado de sua benevolente presença não há o que temer (v. 15d).⁴⁹ Sua presença é ativa, extraordinária, de uma espontaneidade imediata e total, “que não se cansa nem se afadiga” (Is 40,28), que “não dorme nem cochila” (Sl 121,4), que prontamente reage em favor do povo (cf. Dt 6,21). YHWH está sempre presente e atento.

Por isso, embora a celebração do retorno de YHWH para sua habitação no meio do povo pressuponha sua ausência da cidade no tempo de julgamento, não fala do abandono do povo fiel. Nos profetas encontram-se estas palavras: “guardo a YHWH, que esconde sua face da casa de Jacó, nele ponho minha esperança” (Is 8,17). Mais tarde, é relatada a saída do templo de Jerusalém por YHWH como parte do julgamento e de sua destruição (cf. Ez 8–11). Também o sofrimento de Sião–Jerusalém e o aparente fracasso de YHWH na não-salvação do povo, na tradição de Israel são vistos como consequência do pecado.⁵⁰ Agora YHWH tomou de novo na mão o cetro em Jerusalém.

a.3) Considerações

Aquele que retém o cetro tem como principais tarefas: proteger o povo, julgar suas causas e lutar em suas guerras (cf. 1Sm 8,20). Claramente, a imagem da presença humana do rei na cidade conduz um sentido de segurança ao povo. Esta representação é empregada, metaforicamente, a YHWH, para descrever a proteção de Jerusalém contra os perigos internos e externos.

Os efetivos reis falharam na execução de suas obrigações, mas YHWH quando reconhecido como rei, dispensa aos seus uma proteção sem igual. O povo não presenciara mais destruição e desgraça.⁵¹ Como seu rei os protege, os guia, os reúne (cf. Is 48, 17; Sl 80). Ele é o rei dos exércitos (cf. Is 6,5), ele conduz os

⁴⁷ Cf. KELLER, C.-A., *Sophonie*, p. 214-215.

⁴⁸ Cf. SPREAFICO, A., *Sofonia*, p. 186.

⁴⁹ Cf. BAKER, D. W., *Zephaniah*, p. 118.

⁵⁰ Cf. SWEENEY, M. A., *Zephaniah*, p. 199.

⁵¹ Cf. CLARK, D. J.; HATTON, H. A., *Zephaniah*, p. 198-199; SWEENEY, M. A., loc. cit.

acontecimentos da história (cf. Dt 4,27), ele julga seu povo e as nações, exercendo seu juízo (cf. Sl 50,4; 96,13), porque ele é justo (cf. Dt 32,4).

Além do mais, Sofonias não cita em todo seu escrito outro rei específico além de YHWH, não faz referência a alguma ação da linha davídica, nem menciona qualquer possibilidade de que algum descendente venha a ocupar o trono. Sofonias, porém, não considera que as promessas feitas estejam canceladas. Embora ele não mencione a manutenção da monarquia, ele deixa claro que Jerusalém continua sendo o lugar da habitação de YHWH, “a cidade do grande rei” (cf. Sl 48,3).

Para o resto de Israel, que agora se reúne como comunidade de Sião, habitando novamente em Jerusalém, é importante que YHWH, já no meio dessa “filha de Sião – filha de Jerusalém”, construa o seu reinado libertador já no presente e com isso proporcione tranqüilidade, não devendo o resto ter qualquer tipo de temor.⁵²

b) *as ações esperadas do povo*

Como conseqüências da atuação de YHWH na história de seu povo e de sua presença no meio dele são esperados o não-temor e a ação construtiva. Por isso, surgem três exortações estimulantes.

b.1) לֹא-תִירָא רַע עוֹד

A primeira delas (*não temerás mais o mal*) com o verbo ירא (*temer*) no *qal* denota um sentido estático ou duradouro. Como também a partícula negativa לֹא, que tem em sua base uma ordem de estado permanente.⁵³

A expressão לֹא-תִירָא na 2ª pessoa f.sg., mostra que o orador está se dirigindo a uma figura de mulher, que representa o povo. Esta fórmula é mais freqüente nos Salmos e é usada quando se está livre de todo temor. O medo é um sentimento que nasce tanto diante de uma guerra, como diante de algo ou alguém que é visto como inimigo (cf. Gn 31,31; 1Sm 7,7), alguma coisa que seja uma ameaça à própria vida, como, por exemplo, as catástrofes naturais.⁵⁴ Aparece, então, nos Salmos de confiança (cf. Sl 23,4) ou nos Salmos de louvor (cf. Sl 118,6).⁵⁵

⁵² Cf. ROBERTSON, O. P., *Zephaniah*, p. 337; IRSIGLIER, H., *Zefanja*, p. 415.

⁵³ Cf. Nota 138.

⁵⁴ Cf. COSTACURTA, B., *La vita minacciata*, p. 41.

⁵⁵ Cf. STÄHLI, H. P., “ירא”, *DTMAT*, vol. 2, p. 1051-1068.

Assim sendo, o termo מַלְאָכָה (*mal*) tem aqui o sentido de calamidade ou desgraça (cf. Is 45,7), não de culpa moral. Porque o contexto de Sf 3,14-15b indica que YHWH revogou as sentenças e conseqüentemente afastou os inimigos. Desta maneira, também apartou todos os perigos que ameaçavam seu povo.⁵⁶ Então, o “mal” é visto como tudo aquilo que estava acontecendo ainda em Jerusalém, mostrando que o medo instalado abrangia toda a cidade e não somente parte do povo.

O povo parecia estar ainda de olhos fechados para a nova realidade, anunciada em Sf 3,14-15b como já existente. É, então, necessário um impulso profético, uma exortação para que aquele resto, a “filha de Sião”, compreenda toda a extensão das bênçãos já recebidas.⁵⁷

É como se YHWH desse um basta no castigo infligido ao povo como resultado do juízo (cf. Ez 5,8) sobre a cidade e seus habitantes (cf. Jó 27,2; 34,5). O juízo é o fruto do julgamento feito por YHWH ao povo, que pode resultar em condenação para aqueles que se mantêm afastados dos preceitos de YHWH e que experimentam o castigo vindo através dos diversos tipos de opressão (cf. Sl 9,5-9; Is 3,11); mas que pode também implicar em salvação para aqueles que se mantêm na amizade com YHWH, cumprindo seus mandamentos, e, portanto, recebendo suas bênçãos (cf. Sl 48,12; 97,8).

Se agora YHWH já está no meio de um resto renovado, não há lugar para o temor. Pois, no futuro, após a restauração total de Sião–Israel–Jerusalém não haverá desvio dos estatutos de YHWH. Porque ele também estará “no meio de” cada membro da comunidade, isto é, no interior de cada coração, provocando uma mudança radical. O que se constatará é uma renovação da conduta social, religiosa e moral, onde só existirá motivos para o regozijo.⁵⁸

Por isso, a sentença לֹא-חִירָאֵי רַע עוֹד ligada ao que foi declarado antes (v. 15ab), ou seja, às ações passadas de YHWH, enfatiza que as promessas de libertação se realizaram, continuam acontecendo e Sião–Israel–Jerusalém agora será restaurada para exercer o papel que sempre lhe foi destinado, o de ser o centro da criação (cf. Is 4,2-6).⁵⁹ O que acarretará as futuras proclamações dirigidas a Jerusalém.

⁵⁶ Cf. MOTYER, J. A., *Zephaniah*, p. 956.

⁵⁷ Cf. IRSIGLIER, H., *Zefanja*, p. 414; KAISER, W. C., *Zephaniah*, p. 238.

⁵⁸ Cf. RINALDI, G., *Sofonia*, p. 1249.

⁵⁹ Cf. KAPELRUD, A. S., *Eschatology: Micah and Zephaniah*, p. 261.

b.2) אֶל-תִּירָאִי צִיּוֹן

Mais uma vez é dito ao povo (*não temerás, Sião*), também no *qal* na 2ª f.sg. como nas formas verbais anteriores direcionadas aos redimidos (v. 14) e nos sufixos dos substantivos relacionados a ele (v. 15). A diferença está em que agora vem nomeado explicitamente o destinatário, צִיּוֹן, porém sem a designação anterior בָּת, mas isso não parece acarretar qualquer mudança. O endereçamento continua a ser o resto que YHWH libertou. Porém agora, a sentença אֶל-תִּירָאִי apresenta em sua forma verbal a partícula negativa אַל, denotando uma ordem imediata, mais de acordo com o contexto do v. 16.⁶⁰

Esta exortação, embora pareça uma repetição da anterior, está mais ligada ao que será dito a seguir, ou seja, as ações de YHWH presentes e que se estenderão a um futuro definitivo.

A expressão אֶל-תִּירָאִי é uma fórmula que convida à tranquilidade. Com frequência vem acompanhada de frase subordinada, introduzida pela partícula כִּי, ou de uma outra sentença independente (cf. v. 17a). Seu uso teológico é freqüente, tendo YHWH ou seu mensageiro como portador da mensagem. A palavra divina aparece quando há uma promessa de salvação e consolo.⁶¹ E junto a esta fórmula, geralmente, é apresentada a base que fundamenta esta confiança (cf. v. 17c-e).⁶²

Aqui em Sf 3,16b, a expressão אֶל-תִּירָאִי, dentro de um oráculo salvífico, parece estar combinada com a confiante certeza da presença definitiva de YHWH. Em Is 43,5 este sentimento fica mais claro com a complementação explícita “eu estou contigo”, embora em Sofonias isto apareça implicitamente na afirmação de que YHWH está no meio do povo (cf. v. 15c.17a). Esta presença gera ainda uma terceira exortação (v. 16c).

b.3) אֶל-יָרֵפוּ יָדֶיךָ

Este forte estímulo (*não desfalecerão tuas mãos*) continua a exortação anterior (v. 16b). A expressão “desfalecer as mãos” não é comum na cultura ocidental, mas para o judeu “mão” simboliza “poder” e “força”. O desfalecimento das mãos denota a perda das forças ou do poder. Ela aparece periodicamente ao longo da BH para mostrar que, em face de uma adversidade ou de uma ameaça, as

⁶⁰ Cf. Nota 138.

⁶¹ Cf. STÄHLI, H. P., “ירא”, *DTMAT*, vol. 2, p. 1051-1068.

⁶² Cf. BARKER, K. L.; BAILEY, W., *Zephaniah*, p. 495.

pessoas tornam-se débeis (cf. 2Sm 4,1; Esd 4,4; Ne 6,9).⁶³ Por isso, a exortação para não deixar que isto aconteça mostra a necessidade de incutir ânimo e coragem, a fim de levar o ouvinte-leitor a agir.⁶⁴

O que aqui está sendo profetizado e em conseqüência ao que foi dito anteriormente nos v. 14.15, sem dúvida, é um estado de salvação. Todavia, não é possível pensar num estado indestrutível e sem ameaças futuras do bem-estar do povo, como se fosse o amanhecer escatológico definitivo.⁶⁵

A linha do discurso do profeta denota certa tendência, uma vez que as antigas promessas foram dirigidas para a casa de Davi e ao futuro rei davídico, proveniente de Belém, como também para Jerusalém, o ponto centralizador do reino de Davi. Sofonias manifesta a esperança do restabelecimento de um novo reino como o de Davi, porém maior, pois abrangeria todas as nações, tendo Jerusalém como o centro (cf. Sf 3,9-10).⁶⁶

E nesta perspectiva, esta sentença negativa, tem um valor positivo. A união, bastante comum, dos termos “medo” e “mãos acovardadas”, tem uma conotação muito forte. O medo que o ser humano sente é uma reação psicológica que se manifesta através de uma ação fisiológica. O desfalecer das mãos, muito mais do que a evidência externa, é a conseqüência de seu estado de ânimo.⁶⁷

b.4) Considerações

Na comparação de *לֹא-תִירָאֵי רַע עוֹד* (v. 15d) com *אֶל-תִּירָאֵי* (v. 16b) e com *אֶל-יִרְפוּ יָדֵיךָ* (v. 16c) observam-se as relações existentes entre estas três sentenças negativas. O medo foi afastado por causas objetivas, porque o povo não experimentará “um mal novamente” (15d), por isso eles não terão mais aquela realidade subjetiva do temor (v. 16b) que leva ao efeito paralisante da falta de força, ou seja, do desânimo pela ausência de confiança (v. 16c).⁶⁸

⁶³ W. C. Kaiser diz que mãos frouxas ou fracas, além de sugerirem desânimo e desespero, indicam falta de envolvimento (cf. *Zephaniah*, p. 238).

⁶⁴ Cf. SWEENEY, M. A., *Zephaniah*, p. 201.

⁶⁵ J. Vlaardingerbroek diz que, no contexto do AT em suas últimas formas, o v. 16 pode ter adquirido esta visão de um estado de salvação definitiva (cf. *Zephaniah*, p. 213).

⁶⁶ Cf. KAPELRUD, A. S., *Eschatology: Micah and Zephaniah*, p. 261.

⁶⁷ Cf. BAKER, D. W., *Zephaniah*, p. 118.

⁶⁸ G. Rinaldi é de opinião que as duas sentenças (v. 16bc) parecem ser mais uma expressão da satisfação do profeta do que uma palavra de incentivo para o povo que teve sua sorte mudada (cf. *Sofonia*, p. 1249). Todavia, M. Eszenyei Széles explica que se deve notar que este versículo transmite o que um profeta certamente poderia dizer ao pronunciar um oráculo num lugar santo (cf. *Zephaniah*, p. 112).

O temor e a falta de confiança eram conseqüências da expectativa da realização do julgamento de YHWH, mas agora após a libertação daquele resto não há mais lugar para estes sentimentos. A total ausência de medo e ansiedade será o estado alegre do povo renovado de Deus. O homem, como um todo, poderá rejuvenescer.⁶⁹

Por isso, YHWH através do profeta previne o povo. Ele libertou-o de todos os seus inimigos, mas não é para que eles fiquem se deleitando com estas graças recebidas. Aqueles que estão tendo o privilégio de estar recebendo as benesses de YHWH têm que se dedicar no desempenho disciplinado dos seus deveres e devem perseverar. Esta disciplina mais do que uma dominação do espírito serve para movê-los a agir sempre dentro do caminho desta nova aliança como para seu próprio bem.⁷⁰

O estado de desânimo que se abateu sobre o povo é aquele contra o qual se insurgiu o dêutero-Isaías no círculo dos exilados, que pensavam que YHWH os havia abandonado. Eles sentiam-se privados da sua proteção e ajuda (cf. Is 40,27; 49,14). E também o trito-Isaías fala da preocupação de YHWH com aquele de espírito abatido, e ele, Isaías, estava sendo enviado para consolá-los (cf. Is 57,15; 61,1-3), visto o seu questionamento da proteção divina (cf. Is 58,2-3; 59,1; 63,19).

Eles se questionavam como no tempo do deserto: “YHWH está em nosso meio ou não?” (Ex 17,7). Ou diziam: “por que serias como um homem atônito, como um herói incapaz de salvar?” (Jr 14,9).

Estas interpelações pareciam sugerir que a comunidade ainda não havia se dado conta da amplitude da situação de libertos que estavam vivendo. Tornava-se necessária a exortação à alegria (v. 14) e ao afastamento de todo tipo de temor, desânimo e resignação que tolhe o agir (v. 16). A ação profética neste momento do povo estava voltada para a reconstrução da vida social, política, econômica como um todo e, principalmente, a vida religiosa, que estava laxa. Era urgente a superação daquela estagnação e da falta de paz interior.⁷¹

c) no *yôm* YHWH

בַּיּוֹם הַהוּא יֵאמָר לִירוּשָׁלַם (*naquele dia, será dito a Jerusalém*) abre o v. 16.

A expressão הַהוּא בַּיּוֹם pode referir-se a um determinado dia já previamente

⁶⁹ Cf. BERNINI, G., *Sofonia*, p. 82; KELLER, C.-A., *Sophonie*, p. 214.

⁷⁰ Cf. ROBERTSON, O. P., *Zephaniah*, p. 339.

⁷¹ Cf. IRSIGLIER, H., *Zefanja*, p. 412.421.

descrito no livro de Sofonias ou a um tempo já conhecido e esperado pelo povo. Porque a palavra יום é usada para designar um acontecimento decisivo ou uma série de eventos, um momento ou período no qual o destino está fixado (cf. Is 9,3; Jr 25,33).⁷²

Pela tradição do povo ao tempo de Amós, os israelitas, que se consideravam privilegiados por pertencerem ao povo eleito, aguardavam este dia como um momento muito feliz em suas vidas. Pela sua experiência histórica (cf. Js 10,12-13; Jz 7,15-25; 2Sm 5,17-25), neste dia, YHWH os libertaria de toda e qualquer opressão.⁷³ Amós herda esta suposta tradição de uma ação determinada de YHWH, dirigida para o bem-estar do povo e que por eles era ansiosamente aguardada (cf. Am 5,18a).

Na realidade, pouco se sabia sobre o que realmente era esperado até o termo יום YHWH ser usado por Amós. Ele opôs-se a esse privilégio, declarando que este יום seria “de trevas e não de luz” (Am 5,18b), trazendo uma maior certeza de um julgamento divino (cf. Am 3,2). Não é necessário pensar que Amós fosse o primeiro ou o único a perceber o significado do יום YHWH. Certo é que a expressão foi usada em seu livro para recordar aquilo de que ele e os profetas sempre se deram conta: as trevas do julgamento dos ímpios (cf. Am 9,7-10) se misturam com a luz da esperança dos fiéis (cf. Am 9,11-15).

Esta fórmula היום ביום é típica, mas não exclusiva, das proclamações que anunciam a libertação de um inimigo ou de outra ameaça.⁷⁴ Esta expressão faz uma ponte, conectando adverbialmente o que será dito posteriormente (v. 16-17) com o que foi apresentado anteriormente (v. 14-15).

Nada da verdadeira substância muda dos v. 14-15 nos v. 16-17, é apenas uma reiteração da afirmação anterior do profeta. Todavia, com esta fórmula conectante há o deslocamento do discurso inicial para um tempo futuro indeterminado. Assim, com o verso 16a transpondo para o futuro a realização

⁷² A. Berlin diz ser um dia no futuro, porque depois que YHWH tiver removido as sentenças que pesam sobre o povo, não haverá mais motivo para temor de nova punição (cf. *Zephaniah*, p. 143); assim também D. J. Clark e H. A. Hatton dizem que היום ביום marca explicitamente um tempo futuro (cf. *Zephaniah*, p. 199).

⁷³ Cf. AUVRAY, P; LÉON-DUFOUR, X., “Dia do Senhor”, *VTB*, p. 230-232.

⁷⁴ J. M. O’Brien diz que o v. 16 com os verbos no futuro unidos às expressões היום ביום e אלהתקראי são características de “promessa de salvação”, como um desenvolvimento dos oráculos de salvação que os sacerdotes faziam na época pré-exílica (cf. *Zephaniah*, p. 125). Enquanto H. Irsiglier explica que a promessa profética respondia à queixa e ao desânimo (cf. *Zefanja*, p. 421). Para maiores explicações veja FLOYD, M. H., *Zephaniah*, p. 248-249.

completa da salvação de YHWH, retroativamente o grito de júbilo do v. 14 ainda não é totalmente pleno.⁷⁵

A forma verbal יִּקְוֹל , no *nifal yiqtol*, ocorre poucas vezes nos profetas, sendo mais utilizada por Isaías (cf. Is 4,3; 19,18; 32,5; 61,6; 64,4²), seguida por Jeremias (cf. Jr 4,11; 7,32; 16,14), Ezequiel (cf. Ez 13,12), Oséias (cf. Os 2,1²) e Sofonias (cf. Sf 3,16). A forma passiva impessoal, na 3ª pessoa m.pl., enfatiza o destinatário da mensagem, mas suprime o orador.⁷⁶

Diferentemente da literatura hebraica mais tardia e do NT, o AT não conhece o *passivum divinum*, mas isto não descarta a possibilidade de YHWH ser o sujeito. Como os profetas seriam os veiculadores da palavra divina, eles ao escreverem seus oráculos poderiam querer dar uma ênfase maior à sua mensagem, por isso usavam a forma passiva impessoal (cf. Nm 23,23; Sl 87,5).⁷⁷

Desta forma, quem dirá a Jerusalém as sentenças seguintes do não-temor e do não-desânimo? YHWH? Os inimigos? Os profetas?⁷⁸ E quem será o sujeito da ação que gera o oráculo de confiança?

A tradição bíblica lembra que eram os profetas que proclamavam seus oráculos de salvação junto com as palavras consagradas no templo. O freqüente uso da fórmula “não temas” indica que o sujeito da ação deve ser YHWH ou algum representante seu. A forma verbal do *nifal* se refere à palavra de um outro. Assim, o sujeito da ação não poderá ser o profeta. Então, por exclusão percebe-se que YHWH é o sujeito, enquanto Sofonias é o portador de sua mensagem para o povo.⁷⁹

Em síntese, no discurso do profeta dirigido à Jerusalém (v. 15c-16), ele principia com um refrão muito forte e explicativo. YHWH, como rei de Israel, está novamente habitando a cidade (v. 15c). Por isso, as ações do povo devem ser pertinentes a esta nova situação que estão vivenciando, ou seja, a realidade de libertos (v. 15d.16bc).

⁷⁵ Cf. IRSIGLIER, H., *Zefanja*, p. 420-421.

⁷⁶ A respeito da construção passiva impessoal com objeto indireto veja Joüon-Mur., § 128ba; GK, § 121a.

⁷⁷ Cf. VLAARDINGERBROEK, J., *Zephaniah*, p. 212.

⁷⁸ J. L. Mackay diz que a frase impessoal não convida a uma especulação de quem seria(m) o(s) orador(es) desta exortação (cf. *Zephaniah*, p. 293).

⁷⁹ A. Spreafico afirma que somente YHWH é o sujeito autorizado para colocar fim àquela situação ameaçadora e geradora do medo (cf. *Sofonia*, p. 187-188).

A presença de YHWH como rei é a garantia da preservação da tranqüilidade, pois ele não deixa de agir em prol do povo nem um instante. Mas, em contrapartida, ele quer que seu povo também seja operante (v. 16c), valorizando a proteção recebida e fomentando sua permanente benesse.

No v. 16 houve a retomada dos nomes “Jerusalém” e “Sião” sem a especificação יְרוּשָׁלַיִם. “Será dito a Jerusalém” (v. 16a) deixa explícito que se trata dos habitantes de Jerusalém, que é reafirmado com “não temas, Sião” (v. 16b). Todavia, Sião é colocado aqui, logo após Jerusalém, para enfatizar a cidade como centro religioso, uma vez que Sião é o nome do monte santo escolhido por YHWH para sua habitação junto a seu povo (cf. Sl 132,13-14).⁸⁰

A frase temporal, que inicia o v. 16a e traz uma nova exortação ao povo, mostra um futuro indefinido em relação à primeira exortação feita no v. 14, que chamava o povo à alegria. A situação ideal proposta aqui e que acontecerá no futuro não está em descontinuidade com o convite ao regozijo feito para o presente momento que o povo está vivendo. Mas que se dará quando tudo estiver realizado plenamente.⁸¹ Quando então à alegria do povo se juntará a alegria de YHWH confirmando sua esperança.

3.3.

Discurso: ações de YHWH – ratificam a esperança de Jerusalém: v. 17

*Yhwh, teu Deus, está no teu meio,
como herói, ele salvará,
alegrar-se-á por ti com regozijo
guardará silêncio no seu amor,
jubilará por ti com exultação.*

Após um primeiro discurso do profeta dirigido à Jerusalém exortando-a a agir, passa-se a um segundo discurso onde se fala das ações de YHWH que vêm ratificar a esperança de Jerusalém para continuar agindo, sem deixar que o temor grasse em seu meio, não deixando suas mãos voltarem a desfalecer. Afinal, YHWH está em seu meio, deixando visível outros atributos, e se alegrará com seu povo.

⁸⁰ Cf. CLARK, D. J.; HATTON, H. A., *Zephaniah*, p. 199; BROWN, W. P. *Zephaniah*, p. 116.

⁸¹ E. Ben Zvi diz que o texto sugere um tipo de continuidade entre as duas exortações (v. 14.16) através das expressões e das concepções do homem piedoso vivendo numa situação não-ideal, mas que geralmente será aceita num futuro ideal (cf. *A Historical-Critical Study of the Book of Zephaniah*, p. 322-323).

a) outros atributos de YHWH

a.1) יהוה אלהינו בקרבך

A frase nominal (YHWH, *teu Deus, está no teu meio*) apresenta mais um atributo de YHWH, o de ser o Deus de Israel e, ao mesmo tempo, enfatiza o predicado da sua presença no meio do povo.

YHWH no meio do povo é a razão do não-temor confiante que está ligado à sua presença pessoal, tanto como seu rei (v. 15c) como seu Deus (v. 17a), sinal de segurança e das bênçãos concomitantes para o resto.⁸² Em alguns Salmos os dois títulos são colocados juntos numa afirmação pessoal de fé: “meu Deus e meu rei” (Sl 5,3; cf. Sl 84,4; 145,1) e também coletivamente (cf. Sl 44,5; 74,12).⁸³

Este novo refrão יהוה אלהינו בקרבך não exclui a afirmação do anterior מלך ישראל יהוה בקרבך, mas o abarca em toda a sua extensão e o explicita, uma vez que a idéia da realeza de YHWH está fundamentada no fato primordial de que ele é o Deus de Israel.⁸⁴ Como rei ele é capaz de julgar e fazer cumprir seu julgamento, mas somente como Deus pode mudar e revogar as sentenças que pesavam sobre o povo. Esta atitude não mostra uma inconsistência da parte dele, mas sim o domínio soberano de YHWH. Como consequência de seu amor compassivo ele muda a sorte do pecador, ele liberta-o, evidenciando o seu poder re-criador.⁸⁵

A relação que מלך ישראל יהוה בקרבך (v. 15c) carrega para o que é dito nos versículos anteriores (v. 15ab), onde como rei afasta as ameaças e garante a segurança, é a mesma relação que יהוה אלהינו בקרבך (v. 17a) transporta para o que é exortado nos versículos precedentes (v. 16bc), que confirma a tranqüilidade de espírito assegurada pela presença constante de YHWH. O elemento comum é יהוה, nome e natureza revelados no deserto. Seu nome não permite que ele seja apenas juiz ou redentor, mas ele é ambos concomitantemente. Sua natureza em plenitude está agora habitando no meio deles. Porque como juiz “revogou as sentenças” (v. 15a), como redentor vive “no meio dos” redimidos (v. 15c.17a).

A presença de יהוה אלהינו בקרבך é a certeza objetiva de que YHWH perdoou e esqueceu seus pecados e está satisfeito com os redimidos, pois agora

⁸² Cf. BAKER, D. W., *Zephaniah*, p. 118; KING, G. A., *The Remnant in Zephaniah*, p. 423.

⁸³ Cf. SEYBOLD, K., “מלך”, *GLAT*, vol. 5, p. 130.

⁸⁴ Cf. BERNINI, G., *Sofonia*, p. 81-83.

⁸⁵ Cf. ESZENYEI SZÉLES, M., *Zephaniah*, p. 110-112.

não há nada para afastar aquele que é o santo do meio do povo. Na redenção do resto está também o objetivo central de YHWH, que é o seu retorno a Sião, como aquele herói que traz a salvação.⁸⁶

a.2) גְבוּר יוֹשִׁיעַ

Esta fórmula גְבוּר יוֹשִׁיעַ (*como herói, ele salvará*), que caracteriza YHWH como herói libertador, é freqüente em contextos que querem assegurar aos destinatários que determinada ameaça já tem passado (cf. Is 7,4-9; Jr 10,20-26).⁸⁷ Aqui, ele está declarando paz para Israel, ele não mais se vingará deste resto do povo com a destruição. Agora só há lugar para um temor sadio, aquele que busca andar nos caminhos de YHWH.⁸⁸

Tudo isto porque o amor de YHWH por seu povo não é uma emoção que incapacita de agir em favor de sua amada, muito pelo contrário, “YHWH sai como um herói, como se fosse um guerreiro” e “atira-se violentamente sobre os seus inimigos” (Is 42,13). Quando o poder de YHWH é despertado (cf. Sl 80,2), seu amor age concretamente para salvar seu povo. Nada nem ninguém podem resistir ao seu poder, por isso é dito ao povo: “não temerás mais o mal” (Sf 3,15).⁸⁹

Embora o papel da expressão, nos versos 15c e 17a, seja similar, há uma sutil diferença. Sua posição no verso 17a parece mais a de um herói em posição de ataque, enquanto a imagem no verso 15c mostra YHWH como rei defendendo seu povo.⁹⁰

Os versos 17ab seguem o verso 16b, onde אֶל-תִּירָאִי é uma resposta típica quando se quer tranquilizar alguém diante de uma desgraça. Contudo, não necessariamente este desastre refere-se a uma guerra (cf. Gn 21,17; Rt 3,11), por isso é necessário saber o contexto de tal declaração para se entender a natureza do desastre.

A frase dos versos 17ab relembra quase que palavra por palavra a súplica existente em Jr 14,9, onde o profeta fala: “Porque és como um homem atônito, como um guerreiro que não pode salvar? Mas tu estás em nosso meio, Iahweh, e teu nome é invocado sobre nós. Não nos abandones!” YHWH seria para

⁸⁶ Cf. MOTYER, J. A., *Zephaniah*, p. 957; BERLIN, A., *Zephaniah*, p. 145.

⁸⁷ Cf. SWEENEY, M. A., *Zephaniah*, p. 202.

⁸⁸ Cf. BARKER, K. L.; BAILEY, W., *Zephaniah*, p. 495.

⁸⁹ Cf. ROBERTSON, O. P., *Zephaniah*, p. 339; MACKAY, J. L., *Zephaniah*, p. 293.

⁹⁰ Cf. CLARK, D. J.; HATTON, H. A., *Zephaniah*, p. 200; BEN ZVI, E., *A Historical-Critical Study of the Book of Zephaniah*, p. 247.

Jerusalém como um herói que não quer ajudar efetivamente. Eles estão diante de uma grande seca, mas apesar da súplica, eles não estão confiantes na atuação de YHWH. E a continuação do texto mostra que YHWH rejeitou o pedido deles. Diferentemente do que é proclamado em Jeremias, a promessa de salvação em Sofonias que diz: *יְהוָה אֱלֹהֶיךָ בְּקִרְבְּךָ גְבוּר יוֹשִׁיעַ* (v. 17ab) responde positivamente, pois YHWH salva e salvará, livrando-os das ameaças e do medo.⁹¹

O confronto destas duas passagens deixa claro que a presença de YHWH no meio do povo ou da cidade não significa salvação. YHWH pode agir ou não salvificamente.⁹² Por isso, é necessário tomar conhecimento de todo o anúncio. No caso de Sf 3,15.17, frases esclarecedoras os acompanham. A revogação das sentenças (v. 15a) e a conseqüente expulsão do inimigo ligando-se a Sf 3,15 e a exortação ao não-temor vinculado a Sf 3,17, mostram que a ação de YHWH é favorável e que o elemento principal da mensagem deste não traz as conotações militares da expressão *גְבוּר יוֹשִׁיעַ*.⁹³

Esta certeza fica mais clara nos três versos finais, que comunicam a alegria que YHWH experimenta em relação ao resto de Israel, que foi por ele libertado de todo tipo de perseguição e que agora morará em paz em Jerusalém, junto ao lugar de sua habitação, no monte Sião.

b) a alegria de YHWH

O grande convite à alegria de que trata o texto conclui-se com três sentenças descrevendo a alegria de YHWH.

b.1) *בְּשִׂמְחָה עָלֶיךָ יְשִׁישׁ* (*alegrar-se-á por ti com regozijo*) é a primeira declaração descritiva deste júbilo e é a única citação na BHS utilizando o substantivo *שִׂמְחָה* para expressar a alegria de YHWH em relação a seu povo. Na outra citação, encontra-se Coélet dizendo a seus ouvintes-leitores: “Yhwh se agrada das tuas obras” (Ecl 9,7)

b.2) *יִחְרִישׁ בְּאַהֲבָתוֹ* (*guardará silêncio no seu amor*) é a segunda afirmação. Esta imagem de YHWH é única no AT. Talvez por causa disso, esta oração apresente uma dificuldade muito grande de entendimento. Algumas hipóteses para este silêncio são apresentadas pelos estudiosos. Uma delas é a que fala da indulgência

⁹¹ Cf. IRSIGLIER, H., *Zefanja*, p. 422; BERLIN, A., *Zephaniah*, 145.

⁹² Cf. SPREAFICO, A., *Sofonia*, p. 188.

⁹³ Cf. BEN ZVI, E., *A Historical-Critical Study of the Book of Zephaniah*, p. 248-249.

de YHWH por amor a seu povo, preferindo ficar calado quanto aos pecados de seu povo (cf. Sl 50,21; Is 42,14).⁹⁴ Uma outra leva em conta o amor profundamente sentido, que concentra-se na amada com meditação e admiração.⁹⁵ Outra ainda baseia-se no seu plano em relação ao bem do resto.⁹⁶ Muitos outros entendimentos opcionais têm sido propostos.⁹⁷ Seguiremos na linha desta segunda interpretação.

A partir daí, percebe-se que o verbo *חָרַשׁ* é usado aqui no sentido intransitivo, descrevendo mais a condição do sujeito que está quieto, isto é, em silêncio, do que propriamente falando que o sujeito transmite tranqüilidade ao objeto. Além do mais, o paralelismo que existe nos três versos (v. 17c-e) também sugere este sentido intransitivo.

Observando-se o primeiro e o último versos (v. 17c.e), vê-se que eles apresentam um termo médio *עָלֶיךָ* (*por ti*). Como no paralelismo hebraico é comum a omissão de um termo que aparece em outra linha, é possível entendê-lo como pertencente também ao verso intermediário (v. 17d), que seria lido “guardará silêncio *por ti* no seu amor”.⁹⁸

b.3) *יִגִּיל עָלֶיךָ בְּרִנָּה* (*jubilará por ti com exultação*) é a terceira asseveração. De todas as palavras usadas neste oráculo para falar da alegria, *גִּיל* é a mais forte delas no significado, todavia ainda tem um sentido apenas aproximativo, para exprimir o júbilo que se desprende do sujeito com gritos espontâneos e entusiásticos.⁹⁹

O paralelo mais comum a *גִּיל* é o verbo *שָׂמַח*, seguido por *רִנָּן*, *שׂוֹשׂ*, *רִנָּן*, *רִנָּן* *hifil*, *עָלָז*. Isto denota que ele pertence ao campo semântico da alegria, que muito mais

⁹⁴ I. J. Ball Jr. faz alusão a Rashi e a outros comentadores judeus como apresentando esta interpretação (cf. *A Rhetorical Study of Zephaniah*, p. 185-186). Nesta mesma linha posiciona-se E. Ben Zvi, explicando que se houver a consideração de que Sf 3,16-17 contém uma resposta positiva para a súplica do povo, que se reconheceu pecador e sabedor da razão de suas desgraças (cf. Jr 14,7; Sl 41,5; 51,5-7), esta resposta divina será o afastamento das sentenças por causa de seu amor pelo povo (cf. Mq 7,17-19). O contraste evidente entre os versos 17d e 17e reforçam a tradução de *חָרַשׁ* por “silenciar” (cf. *A Historical-Critical Study of the Book of Zephaniah*, p. 252).

⁹⁵ Esta é a interpretação de C. F. Keil (cf. *The Twelve Minor Prophets*, vol 2. Grand Rapids: Eerdmans, 1954) citada por KING, G. A. *The Remnant in Zephaniah*, p. 424.

⁹⁶ Cf. WALKER, L. L., *Zephaniah*, p. 563.

⁹⁷ R. D. Patterson lista seis interpretações com seus respectivos autores. Estas, além das três apresentadas são: o descanso de Deus em seu amor, a paz e o silêncio dados por Deus ao crente e a canção de alegria de Deus de sua preocupação amante (cf. *Zephaniah*, p. 383).

⁹⁸ Cf. ROBERTSON, O. P., *Zephaniah*, p. 340-341. Por outro lado, A. Berlin diz que este verso 17d, que é totalmente obscuro, interrompe um paralelismo (v. 17c.e) perfeitamente compreensível, o que sugere não ter sido este o seu lugar original (cf. *Zephaniah*, p. 145).

⁹⁹ Cf. LEWIS, J. P., “גִּיל”, *DITAT*, p. 346.

do que um sentimento, uma emoção ou um estado de alma é a manifestação exterior e que acontece em comunidade. No período pós-exílico, este verbo foi utilizado com os que lhe são semelhantes e acima citados apenas como sinônimos.¹⁰⁰

b.4) Considerações

A partir destas colocações, pode-se dizer que, nestes três versos finais do texto, o profeta está falando da alegria que o próprio YHWH está sentindo pelo triunfo do seu povo, de sua libertação e salvação.¹⁰¹ Outras vezes na BH se encontram passagens que falam da alegria de YHWH, mas não com a ênfase que é dada em Sf 3,17, de modo absoluto e lírico. Esta é uma das descrições mais vibrantes e emocionantes que falam da alegria e do amor de YHWH por seu povo em todo o AT.

Os sentimentos exortados ao povo pelo profeta no início do texto (v. 14) são agora (v. 17) os do próprio YHWH. Os verbos שיש / שוש (v. 17c) e גיל (v. 17e) poderiam simplesmente dar a entender uma alegria interior, mas a presença do termo שמחה e principalmente רנה, mostra enfaticamente que YHWH exterioriza seus sentimentos exultantemente.¹⁰²

A alegria proclamada nos versos 17c-e não apresenta mais o homem como sujeito da ação, mas o próprio YHWH. O objeto desta alegria tem também peculiaridades bem significativas. Nos outros textos que falam do júbilo de YHWH em relação ao homem, além de não ser afirmado enfaticamente, é dito que YHWH se alegrará por fazer o bem a Jerusalém (cf. Dt 30,9; Is 65,19; Jr 32,41), porém encontrando a alegria mais em si próprio do que com a cidade ou com o povo. Diferentemente em Sf 3,17, onde YHWH se alegrará pelo povo. Além disso, o autor proclama este regozijo de forma direta, utilizando cinco termos (שוש - שמחה - רנה - גיל - חרש) para descrever a profundidade e a extensão deste sentimento.¹⁰³

Este sentimento de alegria que YHWH vivenciará tem seu alicerce no seu grande amor. A utilização abundante de termos para manifestar a letícia de

¹⁰⁰ Cf. BARTH, Ch., “גיל”, *GLAT*, vol. 1, p. 2067-2082.

¹⁰¹ P. R. House diz que as razões para a libertação do resto fundamentam-se na satisfação de YHWH com eles e no seu poder salvador (cf. *Zephaniah*, p. 67).

¹⁰² Cf. SPREAFICO, A., *Sofonia*, p. 188.

¹⁰³ Cf. BARSOTTI, D., *Meditazione sul libro di Sofonia*, p. 157-170.

YHWH vai surgindo progressivamente. Primeiro implica num contentamento, que desabrocha numa manifestação externa, seguida por uma prontidão de estar junto à pessoa amada em silêncio, que por fim não se contendo em si de amor torna a exteriorizar este sentimento e agora com grande exultação, como se YHWH cantasse, gritasse e dançasse.¹⁰⁴

A pessoa divina é um todo como a pessoa humana, por isso é o ser por inteiro que estará vibrando em seu amor. A alegria descrita assemelha-se àquela que um jovem noivo amoroso (cf. Sl 19,6) experimenta no encontro com sua noiva, quando esta lhe é trazida pelos amigos, pura, sem mancha, sem nenhuma sentença pesando sobre ela. Este júbilo tão grande não será visível somente no que ele poderá proporcionar à sua noiva, mas transparecerá naquilo que ele experimentará (cf. Is 62,5).¹⁰⁵ Contudo, no amor nem tudo tem necessidade de ser pronunciado com palavras, os noivos se entendem perfeitamente. Por isso, YHWH בְּאַהֲבָתוֹ יְהוָה (Sf 3,17), no enlevo com sua noiva.¹⁰⁶

Talvez a maior dificuldade esteja em compreender a imensidão deste amor de YHWH, que o arrebatará de tal forma que o fará sair de si mesmo para alegrar-se pela sorte do resto do povo. Para algumas pessoas é quase insondável este amor que, de tão profundo, é capaz de perder-se no silêncio da contemplação pelos remanescentes, é capaz de fazer emudecer para depois explodir em aclamações que ecoam como a dos próprios redimidos quando são exortados pelo profeta (cf. Sf 3,14).¹⁰⁷

Mas, embora pareça excessivo o modo como o profeta expressou a alegria de YHWH por sua amada, deve-se ter em mente que ele em sua essência é o amor. E que se o homem, com todas as limitações de sua natureza, é capaz de exprimir tão fortemente seus sentimentos em relação a outra pessoa, quanto mais YHWH, que pode atingir a profundezas muito maiores sem que haja qualquer restrição de tempo, lugar, modo e duração desta exteriorização de amor e alegria pelo seu objeto.

¹⁰⁴ Cf. J. A. Motyer falando da progressão da expressão de alegria diz que partindo de uma emoção que o deleita, passa a uma contemplação sem palavras da pessoa amada e não conseguindo conter-se, explode numa exultação vocal (cf. *Zephaniah*, p. 958).

¹⁰⁵ Cf. BERNINI, G., *Sofonia*, p. 83; KELLER, C.-A., *Sophonie*, p. 214-215; MACKAY, J. L., *Zephaniah*, p. 293-294; IRSIGLIER, H., *Zefanja*, p. 422.

¹⁰⁶ Cf. ESZENYEI SZÉLES, M., *Zephaniah*, p. 113.

¹⁰⁷ Cf. KING, G. A., *The Remnant in Zephaniah*, p. 424. Para O. P. Robertson aquele Deus onipotente se deleitando com a sua criação explica-se em si mesmo, mas torna-se incompreensível como o Santo possa experimentar êxtase pelo pecador (cf. *Zephaniah*, p. 340).

O objeto de amor de YHWH está limitado pelo termo עֲלֵיךְ. Pelo contexto de Sf 3,14-17 fica claro que se trata da “filha de Sião – Israel – filha de Jerusalém”, isto é, o resto do povo eleito que, mantendo-se fiel à aliança e à promessa, foi liberto do cativeiro da Babilônia e agora já começa a usufruir das bênçãos de YHWH. Mas, não é nele nem em algo que ele tenha feito que é para serem encontradas as razões desta alegria irrestrita de YHWH, mas na própria natureza do Senhor.¹⁰⁸

Em síntese, a presença potente de YHWH בְּקִרְבֶּךָ (v. 17a) como גְּבוּר יוֹשִׁיעַ (v. 17b) será motivo para ser dito אֵל-תִּירָאִי (v. 17c) e se tornar motivo para שמְחָה (v. 17c) e רִנָּה (v. 17e), porque YHWH ama profundamente seu povo de modo que נִחְרָשׁ, numa contemplação profunda de sua amada (v. 17d).

¹⁰⁸ Cf. ROBERTSON, O. P., *Zephaniah*, p. 341-342.